



## As Mediações Semióticas e a Consciência Inclusiva<sup>1</sup>

Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC/SP

### RESUMO

Nos últimos anos, a discussão sobre as mediações tem gerado cada vez mais interesse dentro dos estudos da comunicação, tornando-se atualmente um dos principais temas debatidos na área. Em especial, este artigo aborda o tema a partir da perspectiva semiótico- sistêmica, pois compreende as mediações pelas trocas efetivadas entre diferentes sistemas modelizantes e meios de comunicação. É esta abordagem que permite entender como as mediações produzidas pelos meios eletrônicos, tal como elucida Marshall McLuhan (1911-1980), atuam no ambiente midiático, do qual resulta a elaboração de mensagens que potencializam cada vez mais o desenvolvimento de uma consciência inclusiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** mediações; fronteira; consciência inclusiva

Nos últimos anos, a discussão sobre as mediações tem gerado cada vez mais interesse dentro dos estudos da comunicação, tornando-se atualmente um dos principais temas debatidos na área. Não cabe aqui realizar um levantamento da gama de autores que se debruçaram sobre o assunto, tampouco relacionar as diferentes vertentes que direcionaram essas discussões, o que exigiria um estudo muito específico. O que nos interessa, em especial, é compreender como as mediações são percebidas do ponto de vista semiótico, sobretudo em relação aos processos de modelização operacionalizados nos meios comunicacionais.

No interior dessa discussão, não há como desconsiderar um importante artigo de Irene Machado (2002), no qual o assunto é tratado com muita precisão. Segundo a autora, é quase impossível falar de mediação no âmbito do estudo das mídias sem citar, ainda que resumidamente, o professor colombiano Jesús Martín-Barbero, cujo livro *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia* constitui uma das obras de referência sobre o assunto. Ainda que a questão das mediações seja a tônica da obra citada, não são poucos os críticos (SIGNATES, 1998:41) que afirmam a imprecisão teórica do autor ao abordar o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na NP Semiótica da Comunicação, no VIII Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação e Semiótica pelo PEPG em Comunicação e Semiótica- PUC/SP, professora de Redação Publicitária e coordenadora do curso de Comunicação Social- habilitação Publicidade e Propaganda da PUC/SP, membro do Grupo de Pesquisa Espaço- Espaço/Visualidade- Comunicação/Cultura.



tema. A nosso ver, o texto citado não apresenta, de fato, uma definição clara sobre as mediações, todavia, a discussão conduzida pelo autor oferece-nos alguns indicativos para uma tentativa de esclarecimento.

Tendo como objeto a cultura latino-americana, Barbero especifica alguns traços característicos da mestiçagem do continente, situando-a como um manancial riquíssimo da diversidade cultural dos povos latinos, o que imprime nesses grupos uma dinâmica muito própria. Longe de apenas demarcar a separação existente entre diferentes extratos sociais, essa multiplicidade constituiria um “espaço de conflito” (MARTIN-BARBERO, 2003:29) em que os indivíduos se reconheceriam culturalmente, e que, inevitavelmente, interferiria no modo como essas coletividades recebem as mensagens veiculadas nos meios de comunicação. Em seu artigo, Signates (1998:42) especifica esses “espaços” como os lugares de “vivência de sentidos ambíguos ou sintetizadores (como o bairro)” ou, ainda, aqueles que possibilitam compreender a interação existente entre a “materialidade social e a expressividade cultural da TV”, concretizados pela “cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural”.

De acordo com Machado (2002:218), a mediação para Barbero estaria situada no campo da recepção, ou seja, entre aquilo que é veiculado e o que é recebido, coloca-se uma série de interferências, fruto da diversidade e dos espaços culturais de convivência entre os indivíduos que, de alguma forma, interferem na recepção e nos significados a serem produzidos. Assim entendida, a recepção não se define como uma reação passiva e linear, em que o emissor elabora e emite a mensagem e ao receptor cabe apenas receber e responder conforme o estímulo emitido, mas constitui um processo altamente complexo, em que o destinatário interfere ativamente na mensagem recebida, denotando uma “atitude responsiva dinâmica e transgressora” (MACHADO, 2002:218).

É no “espaço” situado entre a emissão e a recepção, que as mediações incidem sobre os processos comunicacionais, gerando interferências no trajeto de uma mensagem e nos sentidos que ela é capaz de gerar. Quando transposto para o âmbito da semiosfera<sup>3</sup>, essas duas extremidades (emissor e receptor) não se restringem apenas aos indivíduos envolvidos

---

<sup>3</sup> Iuri Lótman (1996:22) define a semiosfera como um “continuum semiótico” ocupado pelos textos, linguagens e códigos dotados de individualidade semiótica e caracterizados pelas mais variadas formas de organização. Esse “gran sistema” (1996:24) funciona como um “mecanismo único” ou, ainda, constitui um “espacio semiótico” de relações, sem os quais, a comunicação e a reconfiguração sistêmica seriam inviáveis. Nesse caso, não é a soma das mensagens produzidas por diferentes sistemas que compõe a semiosfera, mas o movimento, a inter-relação entre diferentes tipos de formações sígnicas, pois “Sólo dentro de tal espacio resultan posibles la realización de los procesos comunicativos y la producción de nueva de información (...) La semiosfera es el espacio semiótico fuera del cual es imposible la existencia misma de la semiosis” (LÓTMAN, 1966:23-24).



num ato de comunicação, mas se referem igualmente à interação estabelecida entre dois ou mais sistemas modelizantes. Esse “espaço” situado entre dois pólos é “localizado” pela fronteira semiótica, pois é nela que as transferências entre sistemas são continuamente alteradas pelas intervenções provocadas por diferentes tipos de signos que nela operam.

É pela fronteira que ocorrem as trocas operacionalizadas entre duas esferas culturais, visto que “la frontera semiótica es la suma de los traductores ‘filtros’ bilingües pasando a través de los cuales un texto se traduce a outro lenguaje (o lenguajes)” (LÓTMAN, 1996:24). O processo relacional instaurado entre dois ou mais sistemas modelizantes não corresponde a uma transferência linear e unilateral, o que faz com que um texto cultural seja duplamente codificado. Assim, a correlação entre sistemas impossibilita o estabelecimento de uma conexão simples e direta entre distintas esferas, pois nesse processo se opera a tradução entre códigos com características singulares, o que quase sempre resulta na recodificação deles. Por esse viés, a fronteira pode ser entendida como uma “película” situada no diálogo entre diferentes sistemas, tornando-se responsável por “elaborar” e “adaptar” aquilo que é externo, dotando-o de realidade semiótica para uma determinada esfera.

A função exercida pela fronteira como um mecanismo impulsionador do continuum de relações constituído entre uma “coisa” e outra não foi apenas ressaltado por Iuri Lótmán, mas também por Marshall McLuhan, que entende “o valor de uma fronteira como uma espécie de interface ou processo complexo de mudança contínua [que] aumenta enormemente os poderes de percepção e crescimento humanos” (2005:150-151). “Estar” na fronteira, segundo ele, implica incitar relações que seriam muitas vezes impensadas, se cada campo de ação estivesse restrito ao seu próprio “espaço” interno. Mesmo que a alusão realizada pelo teórico dos meios esteja contaminada pela perspectiva histórica e geográfica, esse ponto de vista também pode ser estendido à ecologia da mídia por ele descrita.

A palavra “ecologia” vem do grego *oikos*, que significa hábitat, e foi primeiramente definida como um ramo das ciências biológicas que estuda as relações entre os seres vivos e o meio em que vivem, bem como a ação mútua que um exerce sobre o outro. Transposto para o campo da comunicação, uma “ecologia da mídia” tem como objetivo o estudo dos meios e seu entorno, de sorte que cada um é reconhecido pela estruturalidade da sua linguagem distintiva, produzindo no receptor efeitos perceptivos também específicos. Por seu turno, esses traços distintivos são mutáveis, visto que a contaminação operacionalizada entre diferentes ambientes acarreta a contínua reordenação das possibilidades expressivas e das funções exercidas por cada um dos meios. Uma vez que essa abordagem estabelece a



existência de uma “ajuda” mútua entre diversos meios, então, é possível pressupor que entre um e outro há a presença de fronteiras por onde efetivamente se opera a ressignificação de dois ou mais ambientes. Nesse caso, o encontro de diferentes meios só tende a enriquecê-los mutuamente, a ponto de um estimular no outro a emergência de formas expressivas até então inusitadas.

Disso resulta a constituição de textos culturais nos quais incidem as mais variadas formas de mediação. Assim, a mediação é entendida tanto pelos processos tradutórios que se interpõem na interação entre sistemas e/ou meios, como pelas diferentes formações sógnicas que, de algum modo, intervêm nesse diálogo, e, por isso, são também redefinidas pelos filtros tradutores de um sistema cultural específico. A irregularidade da semiosfera também se distingue pela presença de fragmentos de textos que agem na fronteira e que, inesperadamente, podem atravessar os processos tradutórios, provocando alterações na interação entre diferentes sistemas. Isso faz com que os processos de mediação sejam caracterizados não apenas pela operação tradutória, que impreterivelmente gera mudanças nos códigos, mas sobretudo pela intervenção exercida por outras constituições sógnicas, muitas vezes, não plenamente organizadas, mas que também compõem a semiosfera. Mais uma vez, a fronteira “posicionada” entre os elementos sistêmicos e extra-sistêmicos é determinante, visto que

Contemporaneamente, el espacio semiótico constantemente expulsa estratos enteros de la cultura. Estos forman entonces una falda de sedimentos más allá de los confines de la cultura que esperan su hora para irrumpir nuevamente en ella, a tal punto olvidados ya en ese momento que pueden ser percibidos como nuevos. El intercambio con la esfera extrasemiótica constituye una inagotable reserva de dinamismo (LÓTMAN, 1999:160).

Toda interação sistêmica já se encontra “carregada” de mediação, uma vez que a operação tradutória em si funciona como um “lugar” constituído entre linguagens distintas, continuamente disponível para a correlação entre diferentes processos sógnicos. Dessa forma,

Esse algo que está *entre* a pessoa e o meio, ou entre meios, não se define por nenhum dos extremos, é o ponto chave da mediação, que permite a conexão entre sistemas de signos ou de códigos culturais. Trata-se de um *espaço intervalar* (ver Machado: 2001 c) no sentido semiótico do termo: lugar potencial de intervenção no fluxo comunicativo, de interferências do contexto cultural onde resposta não é reprodução de comportamento mas desvio capaz de reverter os sistemas semióticos dados. Mediação se traduz aqui em transgressão modelizadora de uma outra ordem

que não aquela que tem lugar em atividades de decodificação (MACHADO, 2002:219).

Qualquer sistema modelizante pode produzir mediação e, com isso, gerar diferentes formas de intervenção nos procedimentos tradutórios que conferem dinâmica e movimento para a semiosfera. Esse processo, por sua vez, só pode ser de fato observado com base na apreensão da semiosfera que perpassa diferentes sistemas, pois esse ambiente tanto é constituído por distintas formas de mediação, quanto propicia a emersão da diversidade de tais processos. Da mesma forma, toda mediação também pode gerar modelização, de maneira que, dependendo da atividade tradutória, a ação mediadora de determinadas formações sígnicas torna-se vital para a constituição da linguagem de arranjos textuais específicos. Muitas vezes, um sistema não é modelizado por outro, mas pelas mediações que operam nas fronteiras, gerando interferências significativas no “trajeto” dos códigos.

A abordagem sistêmica trabalhada neste artigo implica, a um só tempo, a consideração da capacidade modelizadora dos meios e do ambiente ecológico em que subsistem, de tal forma que, na interação estabelecida entre diferentes meios, e entre eles e seus usuários, incidem as mais variadas formas de mediações. Daí a necessidade de reconhecer a capacidade dos meios de funcionarem como transdutores, aptos a transformar um tipo de signo em outro, uma vez que “Um meio nunca se soma ao velho, nem deixa o velho em paz. Ele nunca cessa de oprimir os velhos meios, até que encontre para eles novas configurações e posições” (McLUHAN, 1989:199).

Ainda que o termo não seja diretamente usado por McLuhan, também é possível vislumbrar na obra do autor a alusão aos processos de mediação operacionalizados entre meios, sobretudo quando nos debruçamos sobre a questão relativa à ingerência exercida pela tecnologia elétrica na cultura. Inclusive, ao definir a comunicação como uma teoria da transformação, McLuhan já apresenta um indicativo acerca das interferências que incidem sobre os processos comunicacionais.

Observar o ambiente edificado pelas mídias do viés epistemológico estabelecido pela semiosfera permite-nos compreender a tecnologia elétrica, tal como foi enunciada por McLuhan, como uma dominante da semiosfera que envolve a produção dos mais variados textos culturais. E, como uma dominante, a tecnologia elétrica tende a contaminar outras mídias, colocando-se como seu elemento “obrigatório e inescapável”, mesmo que nem todas as mídias tenham como suporte uma tecnologia de base eletrônica. Nesse caso, é o ambiente gerado por esse meio e o envolvimento também suscitado por ele que irão



colocar-se de forma incisiva na constituição de diferentes tipos de arranjos textuais, bem como na interação entre sistemas modelizantes distintos e destes com seus usuários. Como insiste Machado (2005a:156), “extensão” é sobretudo “expansão”, dada a capacidade de um meio expandir seus códigos e modelizar diferentes sensórios.

A tecnologia elétrica é definida por McLuhan como um prolongamento do sistema nervoso central, cuja função principal é manter o organismo informado sobre o que ocorre fora dele. Em virtude dessa ação que desempenha, o sistema nervoso encontra-se intimamente relacionado com o sentido do tato, uma vez que os estímulos advindos do ambiente externo passam necessariamente pela pele, base dos receptores sensoriais humanos. De acordo com professor Ashley Montagu (1988:19-20), tanto a pele como o sistema nervoso central se originam da ectoderme, a mais externa camada dos três conjuntos de células embrionárias. Posteriormente, na formação do embrião, o sistema nervoso torna-se a parte do corpo embrionário que se volta para o interior, ao passo que a pele e seus derivados (pelos, unhas e dentes) se colocam como sua porção externa. Por isso,

o sistema nervoso é uma parte escondida da pele ou, ao contrário, a pele pode ser considerada como a porção exposta do sistema nervoso. Desta forma, aprimoraremos nossa compreensão dessas questões se pensarmos na pele e nos referirmos a ela como o sistema nervoso externo, como um sistema orgânico que, desde suas primeiras diferenciações, permanece em íntima conexão com o sistema nervoso central ou interno. (...) Na qualidade de órgão do sentido mais antigo e extenso do corpo, a pele permite que o organismo aprenda o que é seu ambiente (MONTAGU, 1988:23).

A proximidade entre o sistema nervoso central e a pele torna mais fácil a compreensão do motivo pelo qual McLuhan enfatiza tão veementemente que, dentre todos os meios, a televisão é a que melhor elucida o ambiente edificado pela eletricidade, dado que a imagem eletrônica “bombardeia o espectador com valores táteis” (McLUHAN, 2005:39). Conforme ressalta Derrick de Kerkhove (1997:38-9), em consonância com McLuhan, a televisão fala ao corpo, não à mente, de forma que ao assistir à televisão, o “expectador é a tela” (McLUHAN, 2005:52). Isso ocorre porque a imagem eletrônica é formada por uma malha reticular composta por vários feixes de energia elétrica, constituídos por inúmeros pontos de luz, que juntos criam um mosaico do qual é possível depreender uma “superfície” marcada por um grande número de sinais. Desse processo, resulta o fracionamento daquilo que é representado, pois “O vídeo (...) retalha e pulveriza a imagem em centenas de milhares de retículas, criando

necessariamente uma outra topografia, que, a olho nu, aparece como uma textura pictórica diferente, estilhaçada e multipontuada, como os olhos das moscas” (MACHADO, 1995:41).

O retalhamento eletrônico da imagem televisual em milhares de pontos, dos quais o homem é capaz de apreender apenas uma parte, não possibilita o detalhamento daquilo que é representado. Esse fato exige que a percepção humana complete os “vazios” que formam a imagem. Em vista disso, a estrutura reticular eletrônica, formada por uma quantidade de pontos inferior à imagem fotográfica ou cinematográfica, propicia um modo de interação altamente inclusivo, pois, longe de prolongar apenas um único sentido, a televisão potencializa o tato, mediante a ativação do sistema nervoso central pelos estímulos oriundos do ambiente externo, provocando a sinergia de todo o *sensorium* humano, que é “solicitado” a interagir com o meio. Derrick de Kerkhove (1997:42) refere-se a esse processo como “efeito de submuscularização”, uma vez que a imagem eletrônica tende a provocar uma tensão muscular que envolve todo o corpo, ocasionando uma espécie de “mímica sensoromotora”, a partir da qual aquilo que é observado pode ser interpretado. Nesse sentido, é possível afirmar que a televisão provoca uma interpretação muito mais fisiológica que propriamente cognitiva.

A aceleração característica da constituição da imagem eletrônica exige continuamente a adaptação e a interação do *sensorium* para preencher aquilo que é observado, negando o tempo necessário para que haja a reflexão e a exposição verbal sobre aquilo que é assistido, pois “Quando confrontado com apresentações em mudança rápida e ação acelerada, o espectador é literalmente levado de imagem a imagem (...) Como resultado, o espectador deixa de conseguir manter o ritmo e desiste de fazer classificações mentais” (KERKHOVE, 1997:41). Esse tipo de reação, também entendida como “sentido televisivo”, aproxima-se, segundo Kerkhove, do chamado “sentido pressentido”<sup>4</sup>, definido como o processo em que milhares de relações cognitivas são transformadas numa única operação pelo corpo, sobre a qual raramente temos consciência. Todavia, é pelo sentido pressentido que ocorre a regulação do modo como reagimos aos acontecimentos cotidianos. É justamente nesse aspecto que podemos observar como a televisão age sobre nossas vidas, pois a imagem eletrônica contribui sobremaneira para modelizar o modo como nos relacionamos com aquilo que acontece no nosso dia-a-dia, a ponto de estabelecermos um envolvimento cada vez mais

---

<sup>4</sup> Segundo Kerkhove, o “sentido pressentido” foi definido pelo psicólogo e filósofo americano Eugene T. Gendlin.





intenso com aquilo que nos é externo. Conforme ressalta Machado (2005a:156) “Os meios modelizam um sensorio em que uma extensão se transmuta em outra”, visto que a integração entre diferentes sentidos permite que todos eles trabalhem em conjunto, dada a correspondência estabelecida de um sobre o outro.

McLuhan (2005:39) enfatiza que esse tipo de envolvimento é similar ao que ocorre numa relação discursiva oral, pois a correlação entre dois interlocutores pressupõe uma atitude responsiva ativa, decorrente não apenas da fala, mas também das formas expressivas não-verbais que participam do diálogo, como os gestos, reações faciais, etc. Todos esses “elementos” geram uma relação extremamente envolvente, mediante a ativação de vários sentidos.

É nesse aspecto que a televisão pode exercer uma ação modelizadora sobre o sentido pressentido, tornando-o mais aguçado e incitando-o cada vez mais a estabelecer relações participativas e abrangentes. Ao mesmo tempo, tal modo de interação também estimula o desenvolvimento de diferentes capacidades relacionais, ao contrário do ambiente edificado pela escrita tipográfica, em que apenas um único órgão — a visão — é potencializado em alta definição. Ou seja, a mensagem codificada pelo verbal “chega” pronta e acabada para o receptor e, em conseqüência, muito pouco resta para ser completada. Por isso, segundo McLuhan, este último seria o ambiente propício para o desenvolvimento do distanciamento crítico característico do ponto de vista, cuja articulação exige a elaboração de um raciocínio lógico e linear. Avesso a esse tipo de pensamento, a era do circuito, isto é, o ambiente criado pela tecnologia elétrica, demanda não mais o ponto de vista único e o distanciamento crítico, mas o envolvimento, de modo que, em vez de dissertar sobre algo, o receptor é “solicitado” a se envolver por inteiro com a ação, tornando-se parte dela (McLUHAN, 2005:195).

Esse “estar com” proporciona o desenvolvimento distintas formas associativas, sobretudo porque instiga o espectador a estabelecer outros padrões de associação, calcados na própria descontinuidade que caracteriza o trânsito das informações na era do circuito, vindas de “todos os lados” e ao mesmo tempo. E é justamente na descontinuidade que “o público opera um salto para preenchê-lo” (McLUHAN, 2005:257). Por esse motivo, o espectador é impelido a todo instante de correlacionar as mensagens presentes no ambiente e preencher as lacunas que se colocam entre elas, semelhante ao que acontece com a interação propiciada pela imagem eletrônica televisual. Além do mais, esse tipo de envolvimento também incita a elaboração de





arranjos textuais que, cada vez mais, requerem maior participação da audiência para preenchê-los. Em casos assim, é possível dizer que a mediação criada pela tecnologia elétrica incide de tal forma nesse ambiente que os textos codificados pelos sistemas são, de alguma forma, contaminados pela “consciência inclusiva” produzida pelas mídias eletrônicas.

Como no ambiente edificado pelos meios eletrônicos as fronteiras entre sistemas se encontram cada vez mais carregadas de mediação, então, é possível pressupor que as mais variadas mensagens produzidas pelos meios de comunicação, sejam eles televisão, rádio, impresso, etc, constituem textos culturais que potencializam o desenvolvimento de diferentes capacidades relacionais do intelecto, bem como a expansão do sensorio humano na sua totalidade, pois distintos modos de perceber são ativados na recepção das mensagens produzidas pelos meios. É o conjunto de tais produções, entendido pelo viés epistemológico da semiosfera, que aponta para uma mudança significativa operacionalizada nas linguagens dos textos culturais que circulam pelo ambiente dos meios, que, por seu turno, interferem diretamente no modo como os indivíduos interagem com outros textos presentes na cultura.

Conforme ressalta Irene Machado, essas interações constituem a base das chamadas “linguagens interagentes”, uma vez que “as linguagens assim denominadas estimulam um outro tipo de relacionamento entre as impressões sensoriais, promovendo uma redescoberta do sensorio humano e de suas potencialidades expressivas” (2000:75). Essa “reeducação” do sensorio humano também pode ser entendida pela consideração das diferentes modelizações que um mesmo código adquire na cultura, gerando um reler contínuo dos mais variados arranjos textuais. Dessa forma, entende-se que essas linguagens

transitam num circuito sensorial que se tornou um desafio para a cultura, obrigando a uma urgente redescoberta e reeducação dos sentidos, de modo a nos tornar capazes de “aprender a *ver* mais, a *ouvir* mais, a *sentir* mais”, como já disse Susan Sontag. Para isso, parece imprescindível conhecer o fenômeno da interatividade em sua manifestação semiótica, quer dizer, pela interação de procedimentos e de códigos que articulam sistemas de signos da cultura (MACHADO, 2000:77-8).

Assim entendidas, as linguagens interagentes somente poderiam irromper num ambiente que incita cada vez mais o envolvimento da audiência no ato criativo, “em vez

de apenas lhe atirar coisas como objetos de consumo” (McLUHAN, 2005:121), da mesma forma que concebe o receptor como parte do circuito pelo qual as informações circulam, tornando-o igualmente responsável pela produção das mensagens. Além desse aspecto, também é preciso considerar que esse tipo de arranjo sóico mais inclusivo torna ainda mais evidente a ação do aspecto pragmático que distinguem a heterogeneidade semiótica e o funcionamento dos textos na cultura.

Tradicionalmente, a pragmática constitui um ramo da semiologia que tem por objeto o estudo das relações entre os signos e seus usuários. Para Lótman (1996:98), o aspecto pragmático diz respeito ao “trabajo del texto”, na medida em que, para ser “colocado em ação” na cultura, algo externo precisa ser introduzido ou posto em relação com o texto. A singularidade da abordagem desenvolvida pelo semiótico da cultura decorre do entendimento do leitor como um dos “elementos de fora” que interage com o texto, a ponto de esse indivíduo ser também considerado um outro texto. Nesse caso, a interação entre leitor/texto e um outro texto possibilitaria a atualização de determinados significados que só se apresentariam na sua amplitude pela correlação estabelecida entre a mensagem e um interlocutor. Isto está relacionado com o fato de que, para ser pensante e produzir novos significados, o texto precisa necessariamente estabelecer relações bipolares.

O aspecto pragmático do texto constituiria assim um dos mecanismos que geram o funcionamento do dispositivo pensante na cultura, dada as relações de intercâmbio suscitadas pelo contato instituído entre o texto e o leitor/texto. Em relação sobre a qual incide a mediação eletrônica, é possível afirmar que o próprio arranjo sóico prevê as “aberturas” que instigam e, em boa parte, exigem a participação do receptor, uma vez que os significados de tais mensagens não se mostram finalizados, mas somente são edificados pela interação estabelecida entre diferentes esferas. Assim,

En vez de la fórmula ‘el consumidor descifra el texto’, es posible una más exacta: ‘el consumidor trata con el texto’. Entra en contactos con él. El proceso de desciframiento del texto se complica extraordinariamente, pierde su carácter de acontecimiento finito que ocurre una sola vez, tornándose más parecido a los actos, que ya conocemos, de trato semiótico de un ser humano con otra persona autónoma (LÓTMAN, 1996:82).



O “trato com o texto” implica a consideração do receptor não como um mero decodificador, e sim como um usuário que interage ativamente com as mensagens, similar ao que acontece com as relações discursivas, mencionadas por Lótman como o “trato semiótico” estabelecido entre diferentes interlocutores envolvidos numa situação concreta de fala. Assim como o diálogo, em que o enunciado é construído pela alternância dos sujeitos falantes, boa parte dos textos produzidos pelos meios apenas “se constroem” pela interação estabelecida entre a mensagem e o leitor/texto.

Por fim, cumpre salientar que, apesar da ênfase concedida neste artigo à consciência inclusiva incitada pelos meios eletrônicos, é fundamental ressaltar que boa parte das afirmações realizadas com relação a essas tecnologias pode ser igualmente expandida para a compreensão do ambiente edificado pelas mídias digitais. Assim como seu antecessor, o digital tende igualmente a potencializar o desenvolvimento integral do sensorio humano, em virtude da participação que solicita. Inclusive, McLuhan não ficou alheio a essa possibilidade, visto que, embora sejam poucas as remissões feitas ao computador em seus textos, o autor reconhece que

uma das coisas mais promissoras do computador é esta: como um sistema de processamento, a velocidade instantânea de processamento do computador oferece um magnífico futuro de descoberta, porque um sistema de processamento de altíssima velocidade reúne tantas facetas do conhecimento e tantos níveis de experiência que surgem estruturas, surgem formas, revela-se a vida das formas, revela-se todo tipo de conhecimento dos novos padrões (McLUHAN, 2005:117).

Todavia, observa-se que, nos estudos sobre os meios realizados por McLuhan, a matriz do tipo de envolvimento potencializado pelo digital está no eletrônico e, como a maior parte dos escritos do autor enfatiza os efeitos gerados por este último, então, optamos igualmente por manter os meios eletrônicos como base para a compreensão da consciência inclusiva presente nas mensagens produzidas pelos meios.

## **REFERÊNCIAS**

JAKOBSON, Roman (1983). “O Dominante”. In: LIMA, Luiz da Costa (org). Teoriada Literatura em suas Fontes. 2ª edição. Rio de Janeiro, Editora F. Alves.

KERCKHOVE, Derrick de (1997). A Pele da Cultura. Trad. de Luís Soares e Catarina Carvalho. Lisboa, Relógio D’Água Editores.



LÓTMAN, Iuri (1978). *A Estrutura do Texto Artístico*. Trad. de Maria do Carmo Vieira Raposo e Alberto Raposo. Lisboa, Editorial Estampa.

\_\_\_\_\_ (1999). *Cultura y Explosion. Lo Previsible y lo Imprevisible en los Procesos de Cambio Social*. Trad. de Delfina Muschietti. 1ª edição. Barcelona, Editorial Gedisa.

\_\_\_\_\_ (1996). *La Semiosfera I. Semiótica de la Cultura e del Texto*. Trad. e seleção de Desiderio Navarro. Madrid, Ediciones Frónesis Cátedra Universitat de València.

\_\_\_\_\_ (1998). *La Semiosfera II. Semiótica de la Cultura, del Texto, de la Conducta y del Espacio*. Trad. e seleção de Desiderio Navarro. Madrid, Ediciones Frónesis Cátedra Universitat de València.

\_\_\_\_\_ (2000). *La Semiosfera III. Semiótica de las Artes y de la Cultura*. Trad. e seleção de Desiderio Navarro. Madrid, Ediciones Frónesis Cátedra Universitat de València.

MACHADO, Arlindo (1995). *A Arte do Vídeo*. 3ª edição. São Paulo, Brasiliense.

MACHADO, Irene (2004). “Ah! Se não fosse McLuhan...” In: 27 Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Comunicação, Acontecimento, Memória. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

\_\_\_\_\_ (2005a). “Mediações segundo McLuhan”. In: BRAGANÇA, Aníbal & MOREIRA, Sônia Virgínia (orgs.). Comunicação, Acontecimento, Memória. São Paulo, Intercom. 274

\_\_\_\_\_ (2005b). “O Ponto de Vista Semiótico”. In: HOHLFELDT, Antonio. MARTINO, Luiz C. & FRANÇA, Vera Veiga (orgs.). Teorias da Comunicação. Conceitos, Escolas, Tendências. 5ª edição. Petrópolis, Vozes.

\_\_\_\_\_ (2000). “Redescoberta do sensorium: rumos críticos das linguagens interagentes”. In: MARTINS, Maria Helena (org.). Outras leituras: literatura, televisão jornalismo de arte e cultura, linguagens interagentes. São Paulo, Editora Senac, Itaú Cultural.

\_\_\_\_\_ (2002). “Semiótica como teoria da comunicação”. In: WEBER, Maria Helena. BENTZ, Ione & HOHLFELDT, Antonio (orgs.). Tensões e objetos na pesquisa em comunicação. Porto Alegre, Sulina.

MARTIN-BARBERO. Jesús (2003). *Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia*. Trad. de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2ª edição. Rio de Janeiro, Editora Ufrj.

McLUHAN, Marshall (1989). *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad. de Décio Pignatari. São Paulo, Cultrix.

McLUHAN, Stephanie & STAINES, David (orgs.) (2005). *McLuhan por McLuhan: conferências e entrevistas*. Trad. Antonio de Padua Danesi. Rio de Janeiro, Ediouro.

MONTAGU, Ashley (1988). *Tocar. O Significado Humano da Pele*. Trad. de Maria Sílvia Mourão Netto. 5ª edição. São Paulo, Summus.

SIGNATES, Luiz (1998). Estudo sobre o Conceito de Mediação. Revista Novos Olhares. São Paulo, Escola de Comunicação e Arte- Universidade de São Paulo. n.2, pp. 37-49.